



Boletim Conjuntural Semana 35/2026 – 27 de agosto de 2026

OLERÍCOLAS	2
SOJA	3
MILHO	4
TABACO e FEIJÃO	4
LEITE	5
SUÍNOS	6
PERUS	8
MEL	10

A presente edição traz as estimativas iniciais da safra de verão 2026/27 no Paraná, a abrangência das hortaliças no estado, o comportamento dos preços na pecuária e a evolução do agronegócio no comércio exterior.

A soja inicia o ciclo 26/27 com projeção de produção recorde, enquanto o milho de primeira safra projeta um leve crescimento de área. Essas expansões também consolidam uma reorganização no campo: o feijão de primeira safra recua para a menor área da história, continuando sua retração no ciclo de verão para migrar rumo à segunda safra, enquanto o tabaco resiste e avança para sua terceira marca recorde consecutiva como alternativa de alta rentabilidade para a pequena propriedade. O desenvolvimento de todas essas

lavouras dependerá do clima sob o fenômeno El Niño.

A olericultura está presente em todos os municípios paranaenses. No entanto, um quarto do valor da produção concentrou-se em cinco polos principais, com forte relevância para o cultivo de batata, tomate, cenoura, folhosas e mandioca para consumo humano.

Na pecuária, a suinocultura vive um cenário de margens pressionadas, onde a alta nos custos de produção e nos insumos da ração (milho e farelo de soja) supera a reação dos preços pagos ao produtor pelo suíno vivo. Em sentido oposto, o consumidor paranaense sente o impacto da valorização contínua do leite longa vida no varejo.

No mercado externo, o país registra avanços expressivos. A carne de peru acumula forte crescimento, impulsionada pelo mercado mexicano e com o Paraná figurando como terceiro maior exportador. Da mesma forma, os embarques de mel seguem positivos, sustentados pelo alívio nas tarifas norte-americanas e pela expansão em novos mercados europeus e asiáticos.

Boa leitura!



OLERÍCOLAS

Eng. Agrônomo Paulo F. de Souza Andrade

Os 399 municípios paranaenses apresentaram cultivos comerciais de olerícolas em 2025, sinalizando a diversidade e distribuição dos produtos da horta em quantidade e qualidade. Os cinco principais municípios paranaenses em ordem de importância com foco no Valor Bruto da Produção (VBP) foram São José dos Pinhais, Marilândia do Sul, Guarapuava, Colombo e Cerro Azul. Em conjunto somaram 24,3 mil hectares (ha), donde colheu-se 726,4 mil toneladas (t) e geração de R\$ 1,4 bilhão de VBP, respondendo por parcelas de 21,1% na área, 23,7% na produção e 24,8% no VBP estadual. (OLERI/PR 2025: 115,2 mil ha; 3,1 milhões (t) e R\$ 5,7 bilhões).

A relação destas localidades com o VBP das principais espécies olerícolas exploradas no Paraná é observada, principalmente, no cultivo da batata, tomate e cenoura, no entanto nos três municípios do entorno de Curitiba, a maior aglomeração urbana do estado, a gama de folhosas, brássicas e a mandioca/aipim para o consumo humano se destaca.

Couve-flor, brócolis e repolho têm São José dos Pinhais como um grande produtor; Marilândia do Sul se especializou em cenoura, tomate e beterraba; enquanto a batata e a cebola se destacam Guarapuava; já Colombo explora brócolis, alface e couve-flor enquanto a potência das colheitas nas hortas de Cerro Azul está concentrada na mandioca/aipim.

São José dos Pinhais cultivou de 9,2 mil ha extraído 238,2 mil t e gerou um montante bruto de R\$ 562,2 milhões, com a couve-flor, a brócolis e o repolho dominando as lavouras. As parcelas da trinca foram de 49,5% na área, 50,8% nas quantidades e 38,4% no VBP do segmento no município, além de uma ampla gama de espécies cultivadas - 43 no total – em São José a fortaleza nos negócios do campo está na olericultura.

A área com hortícolas em Marilândia do Sul foi de 3,0 mil ha e colheitas de 136,7 mil t, girando um VBP de R\$ 246,1 milhões, onde a cenoura, o tomate e a beterraba corresponderam a 70,7% das receitas brutas, 81,3% dos volumes e 84,8% dos espaços olerícolas locais, onde somente a cenoura com 1,3 mil ha de canteiros, um volume de 58,5 mil t e VBP R\$ 94,5 milhões



Boletim Conjuntural Semana 35/2026 – 27 de agosto de 2026

concentra 43,8% da superfície, 42,8% das quantias colhidas e 38,4% da renda bruta.

O município de Guarapuava tem na batata – em duas safras – sua líder, pois foram 138,0 mil t saídas de 3,6 mil ha e VBP de R\$ 107,3 milhões, representando 74,0% da área, 69,9 % dos volumes e 53,0% da renda bruta somente com o tubérculo. A cebola por sua vez, com 33,1 mil t colhidas em 595,0 ha proporcionou um VBP de R\$ 35,0 milhões, encampando 12,2% da superfície com hortícolas, 16,7% das colheitas locais e 17,3% do VBP, outras trinta e nove oleráceas são exploradas no município. Com colheitas adicionadas à batata e à cebola, a atividade rendeu 198,5 mil t nos 4,9 mil ha possibilitando um VBP de R\$ 202,2 milhões ao município.

Em Colombo são 42 espécies cultivadas com uma renda bruta de R\$ 200,8 milhões, movimentada pela produção de 57,6 mil t de olerícolas, em um espaço de 2,4 mil ha. O brócolis em 600,0 ha, a alface em 700,0 ha e a couve-flor em 240,0 ha proporcionaram colheitas de 10,8 mil t, 15,2 mil t e 5,1 mil t, respectivamente, assim como em série os valores foram de R\$ 47,8 milhões, R\$ 44,3 milhões e R\$ 38,5 milhões. As três atividades representam

63,7% da área, 53,9% dos volumes colhidos e 65,1% do VBP colombense.

Cerro Azul tem na mandioca para o consumo 'in natura' (aipim) o foco de seus cultivos olerícolas, e participa com 51,6% do VBP, 65,2% das colheitas e 68,3% das áreas nas hortas do município, calculados através das 61,2 mil t extraídas, em 3,3 mil ha, e VBP de R\$ 100,7 milhões. Outras 33 hortícolas são ofertadas pela localidade em uma área de 4,8 mil ha, cujas 95,3 mil t formataram R\$ 195,2 milhões de VBP.

SOJA

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

O Deral divulgou, nesta última semana de agosto, a primeira estimativa para a safra de soja 2026/27 no Paraná. A projeção inicial indica uma produção recorde de 22,6 milhões de toneladas, em uma área estimada de 5,76 milhões de hectares, tendo um aumento marginal, comparativamente, ao ciclo anterior. O cenário inicial representa elevado potencial produtivo para a nova temporada, com produção média esperada no Estado acima de 3.900 quilos por hectare, e mantém a soja como a principal cultura da agricultura paranaense.



Boletim Conjuntural Semana 35/2026 – 27 de agosto de 2026

Apesar da perspectiva favorável, a confirmação desse volume dependerá, principalmente, das condições climáticas ao longo do ciclo. A safra 2026/27 começa sob influência do fenômeno El Niño, que tende a aumentar a frequência de chuvas no Sul do Brasil, especialmente durante a primavera. No Paraná, o principal risco associado ao fenômeno é a possibilidade de precipitações frequentes e excesso de umidade que poderão influenciar os trabalhos de plantio, colheita e tratamentos culturais ao longo do desenvolvimento da lavoura.

Os meses de setembro e outubro merecem atenção especial, por coincidirem com o período de implantação e estabelecimento de grande parte das lavouras. Chuvas persistentes podem dificultar o plantio e reduzir as janelas de operação. Já entre novembro e janeiro, durante fases importantes de desenvolvimento, floração e enchimento de grãos, tanto o excesso quanto eventuais períodos de deficiência hídrica poderão afetar o potencial produtivo.

Já chuvas muito acima da média nos meses de fevereiro e março poderão impactar os trabalhos de colheita.

Assim, a expectativa inicial é positiva, mas o comportamento do clima será determinante para transformar o potencial projetado em uma nova safra recorde no Paraná.

MILHO

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

O cenário climático projetado para a safra de soja, se confirmado, também poderá influenciar a cultura do milho, embora os períodos de maior risco sejam ligeiramente diferentes em função do calendário da cultura.

Para a primeira safra de milho 2026/27, o Deral estimou uma área de 373 mil hectares, crescimento de aproximadamente 2% em relação ao ciclo anterior, e uma produção de 4,09 milhões de toneladas.

TABACO e FEIJÃO

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

O cenário agrícola do Paraná caminha para consolidar uma importante mudança na ocupação do solo, conforme aponta a primeira estimativa de safra de verão 26/27 deste departamento. A área dedicada ao tabaco deve alcançar o seu terceiro recorde consecutivo no estado,



Boletim Conjuntural Semana 35/2026 – 27 de agosto de 2026

avanzando de 87 mil hectares para 91 mil hectares. Esse incremento de 4% na área cultivada traz a expectativa de um aumento proporcional na produção total, desde que as condições meteorológicas favoreçam o desenvolvimento do cultivo.

Em contrapartida, o feijão de 1ª safra deve registrar uma retração de 12% em sua área, projetando ocupar apenas 90,3 mil hectares — a menor marca da história para a safra de verão no Paraná. Caso concretizada, essa inversão histórica consolidará uma reorganização do campo já esperada. Enquanto o feijão perde espaço na 1ª safra, pressionado pela expansão da soja, o tabaco resiste como uma alternativa fundamental de alta rentabilidade por hectare para a pequena propriedade, garantindo a fixação dos fumicultores no campo. Complementarmente, há de se observar que apesar da perda de espaço na safra de verão, o feijão tem se consolidado como uma importante cultura na segunda safra, inclusive em sucessão ao tabaco.

No aspecto climático, a presença do fenômeno El Niño atua como um elemento de atenção. Por um lado, a maior disponibilidade de chuvas favorece a umidade do solo, em contrapartida o

aumento de dias nublados pode limitar a fotossíntese, prejudicar o desenvolvimento vegetativo e reduzir a produtividade final de ambas as culturas, bem como dificultar a colheita. Cabe notar que, para o Paraná, o El Niño tende a apresentar um cenário comparativamente menos severo que a La Niña (a qual costuma provocar estiagens), mas a restrição de luminosidade representa um risco real para o potencial das safras.

LEITE

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

O preço médio do leite longa vida no varejo paranaense chegou a R\$ 5,44/litro em agosto, avanço de 1,6% em relação a julho. O movimento dá continuidade à trajetória de alta observada ao longo dos últimos meses: desde janeiro, quando o litro era comercializado, em média, a R\$ 3,75, o preço acumulou aumento de aproximadamente 45%.

Na comparação com agosto de 2025, quando o preço médio era de R\$ 4,93/litro, o UHT apresenta alta de 10,2%. Apesar da época de alta, o preço médio acumulado de janeiro a agosto de 2026, de R\$ 4,86/litro, é apenas 0,7% superior à média registrada em 2025.



Boletim Conjuntural Semana 35/2026 – 27 de agosto de 2026

Historicamente, o preço do leite longa vida costuma se acomodar em patamares mais baixos após o inverno, levando consigo outros derivados e aliviando o custo para o consumidor.

SUÍNOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

O custo de produção do suíno vivo no Paraná encerrou o mês de julho de 2026 em R\$ 5,81/kg, o que representa uma elevação de 1,0% em relação ao mês anterior, quando o valor era de R\$ 5,75/kg. Apesar dessa alta mensal, a cifra atual indica uma sutil retração de 0,85% na comparação com julho de 2025, momento em que o custo atingia R\$ 5,86/kg.

Segundo dados divulgados pela Central de Inteligência de Aves e Suínos (CIAS) da Embrapa Suínos e Aves, o Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno) alcançou 359,67 pontos em julho, registrando um avanço de 1,30% frente aos 355,55 pontos de junho e uma elevação de 2,60% em relação ao mesmo período do ano anterior. No acumulado do ano, contudo, o índice ainda ostenta uma variação negativa de 2,97%, enquanto no

recorte dos últimos 12 meses a variação aponta uma alta de 2,60%.

A movimentação de alta no ICPSuíno durante o mês de julho foi impulsionada principalmente pelos reajustes em itens cruciais da operação. A mão de obra liderou os aumentos com uma alta expressiva de 9,87%, seguida pelos gastos com energia elétrica, calefação e cama (+2,52%), custos de capital (+1,67%) e nutrição (+1,19%). Em contrapartida, o segmento de genética registrou uma leve queda de 0,67%, enquanto as despesas com transporte e sanidade permaneceram estáveis.

A análise do acumulado do ano revela um alívio considerável em frentes estratégicas: os custos com genética despencaram 26,78%, os de capital caíram 11,84% e a ração recuou 1,81%. No entanto, os gastos com energia elétrica, calefação e cama acumulam alta de 1,51% no ano.

A alimentação continua sendo o grande gargalo da atividade suinícola no estado. A nutrição animal abocanhou 70,05% de todo o custo de produção do suíno vivo no Paraná durante o mês de julho, somando R\$ 4,07/kg. Esse valor reflete um aumento de quase 1% em



Boletim Conjuntural Semana 35/2026 – 27 de agosto de 2026

relação aos R\$ 4,03/kg computados em junho, permanecendo em patamar idêntico ao registrado em julho de 2025.

Enquanto os custos operacionais subiram, a remuneração paga ao produtor paranaense não acompanhou o mesmo ritmo, aprofundando o prejuízo na ponta da granja. Em julho de 2026, o preço nominal médio do suíno vivo ao produtor no Paraná fechou em R\$ 5,54/kg. Embora o valor represente uma sutil melhora de 0,54% frente aos R\$ 5,51/kg de junho, a comparação com períodos anteriores revela o tamanho do desgaste: houve uma queda drástica de 21,5% em relação a julho de 2025 (R\$ 6,96/kg) e uma desvalorização de 20,2% na comparação com o início do ano, quando o suíno era negociado a R\$ 6,94/kg em janeiro.

Além disso, a cotação de julho ficou 20,4% abaixo da média nominal praticada ao longo de todo o ano de 2025 (R\$ 7,03/kg). Como resultado, o preço de venda em julho encerrou 4,65% abaixo do custo total de produção (R\$ 5,81/kg), gerando um prejuízo direto de R\$ 0,27 a cada quilo produzido.

A pressão sobre as margens não é um fenômeno exclusivo do Paraná, estendendo-se aos demais estados

produtores da Região Sul. Em Santa Catarina, o custo de produção alcançou R\$ 6,29/kg em julho, alta de 1,30% sobre os R\$ 6,21/kg de junho. No Rio Grande do Sul, o custo subiu para R\$ 6,31/kg, representando uma elevação de 0,32% em relação aos R\$ 6,29/kg do mês anterior.

O cenário torna-se ainda mais desafiador quando analisado o mercado dos principais insumos da ração no atacado paranaense. Dados da SEAB/DERAL mostram que a saca de 60 kg de milho atingiu R\$ 61,62 em julho, registrando alta de 0,6% frente a junho (R\$ 61,23) e avanço de 2,8% sobre igual mês de 2025 (R\$ 59,96). O farelo de soja acompanhou a trajetória ascendente e fechou o mês cotado a R\$ 1.873,18 por tonelada, valor 2,8% superior ao de junho (R\$ 1.827,78) e 3,9% acima do registrado em julho do ano passado (R\$ 1.802,89).

A combinação entre insumos mais caros e a desvalorização do suíno vivo resultou em uma severa deterioração na relação de troca para o suinocultor. Em julho de 2025, o produtor precisava comercializar 144 kg de suíno para adquirir uma tonelada de milho; em julho de 2026, essa exigência saltou para 185 kg, representando um desgaste de 28,5% no



Boletim Conjuntural Semana 35/2026 – 27 de agosto de 2026

seu poder de compra. A perda foi ainda mais acentuada no caso do farelo de soja, em que o volume de suíno necessário para comprar uma tonelada do insumo subiu de 259 kg para 338 kg no mesmo período — uma perda do poder de compra na ordem de 30,5%.

Dessa forma, mesmo com a discreta reação mensal no preço do animal na granja, o encarecimento das matérias-primas e a defasagem frente aos custos totais impõem um cenário de extrema cautela e dificuldades financeiras para a sobrevivência da suinocultura no estado.

PERUS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

A peruicultura brasileira encerrou o ano de 2025 consolidando um ritmo de expansão produtiva e expressivo avanço no mercado internacional. De acordo com dados oficiais da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), a produção nacional de carne de peru atingiu 136,74 mil toneladas no período, registrando um crescimento de 7,4% em comparação às 127,36 mil toneladas apuradas no ano anterior.

Desse volume total produzido, o setor direcionou 51,85% ao abastecimento

do mercado interno — somando 70,74 mil toneladas -, enquanto os 48,15% restantes foram destinados à exportação, totalizando 66 mil toneladas embarcadas. O desempenho das vendas externas em 2025 gerou uma receita cambial de US\$ 213 milhões, alta de 38,3% quando comparada aos US\$ 154 milhões obtidos com as 64 mil toneladas exportadas no ciclo anterior. A pauta de exportações de 2025 esteve fortemente ancorada na venda de cortes, que representaram 93,19% do volume embarcado (61.356 toneladas), seguidos pelos produtos industrializados, com 4,06% (2.670 toneladas), e pelos exemplares inteiros, que responderam por 2,75% (1.812 toneladas).

No âmbito fabril, a produção exportada esteve concentrada em três estados da Região Sul: Santa Catarina liderou a participação com 44,82% do volume total (29.487 toneladas), seguido pelo Rio Grande do Sul, responsável por 32,08% (21.102 toneladas), e pelo Paraná, com 22,61% (14.875 toneladas).

Em termos de alcance global, o produto brasileiro esteve presente em 88 mercados internacionais, apresentando forte penetração no continente americano, que absorveu 53,05% das exportações



Boletim Conjuntural Semana 35/2026 – 27 de agosto de 2026

(34.925 toneladas), e na África, receptora de 31,15% do volume (20.511 toneladas). Completaram a distribuição a Europa Extra-União Europeia com 6,53% (4.259 toneladas), a União Europeia (UE-27) com 4,79% (3.150 toneladas), o Oriente Médio com 2,37% (1.560 toneladas), a Ásia com 1,27% (837 toneladas) e a Oceania com 0,84% (555 toneladas).

Ao avançar para o exercício de 2026, os dados do sistema Agrostat, do Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), apontam que o mês de julho registrou um volume embarcado de 5.888 toneladas, representando um recuo pontual de 4,1% frente às 6.141 toneladas exportadas no mesmo mês de 2025. O faturamento mensal acompanhou a variação e somou US\$ 20,942 milhões, valor 5,9% menor do que os US\$ 22,266 milhões computados em julho do ano anterior. Esse resultado mensal foi marcado pelo forte contraste regional: enquanto o Rio Grande do Sul apresentou uma expansão expressiva no mês de julho, com altas de 303,0% em volume e de 688,7% em receita cambial, Santa Catarina teve retrações de 43,6% em volume e 43,5% em divisas. O Paraná também registrou desaceleração mensal ao embarcar 906 toneladas (-35,7%) e

faturar US\$ 3,432 milhões (-33,2%), ante as 1.409 toneladas e US\$ 5,139 milhões obtidos em igual mês de 2025.

Apesar da oscilação pontual observada em julho, o balanço acumulado nos primeiros sete meses de 2026 revela um ciclo de forte valorização e crescimento para a pericultura nacional. Entre janeiro e julho de 2026, as exportações brasileiras acumularam 39.475 toneladas e geraram US\$ 157,985 milhões em divisas, avançando 31,0% em volume e expressivos 93,2% em receita cambial sobre os resultados do mesmo período de 2025, quando o país havia embarcado 30.141 toneladas com faturamento de US\$ 81,766 milhões.

Nesse acumulado de sete meses de 2026, o Rio Grande do Sul assumiu a liderança em volume exportado ao somar 16.213 toneladas (+89,9%) e US\$ 54,338 milhões (+160,8%), seguido por Santa Catarina, com 14.919 toneladas (+12,2%) e US\$ 65,544 milhões (+67,1%), e pelo Paraná, que alcançou 8.278 toneladas (+8,3%) e US\$ 38,936 milhões (+79,1%), superando os indicadores do período anterior, quando o estado paranaense havia registrado 7.742 toneladas e US\$ 21,742 milhões.



Boletim Conjuntural Semana 35/2026 – 27 de agosto de 2026

Do montante total de 39.475 toneladas e US\$ 157,985 milhões acumulados em 2026, a categoria de produtos in natura foi o grande destaque comercial, correspondendo a 96,02% da receita gerada ao somar 37.905 toneladas e US\$ 150,415 milhões.

O ambiente internacional favorável refletiu-se na valorização das cotações: o preço médio obtido pela carne de peru in natura atingiu US\$ 3.960,20 por tonelada no acumulado até julho de 2026, registrando um incremento de 48,5% sobre a média de US\$ 2.672,58 por tonelada praticada em igual intervalo de 2025.

Em termos globais, esse volume esteve direcionado principalmente ao México, maior comprador com 9.971 toneladas (+120,2%) e US\$ 40,990 milhões (+131,8%), ao Chile, com 5.251 toneladas (+67,8%) e US\$ 35,031 milhões (+232,6%), à África do Sul, com 4.846 toneladas (+77,2%) e US\$ 9,740 milhões (+175,5%), aos Países Baixos, com 4.481 toneladas (+117,3%) e US\$ 31,025 milhões (+246,9%), e ao Peru, com 3.087 toneladas (+51,5%) e US\$ 7,962 milhões (+48,5%).

Outros mercados com participação relevante no acumulado do ano foram Gana (1.780 t / US\$ 3,514 milhões), Benin (1.376

t / US\$ 2,857 milhões), Guiné Equatorial (1.292 t / US\$ 3,125 milhões), Gabão (830 t / US\$ 1,986 milhão) e Bahamas (820 t / US\$ 1,815 milhão).

Toda essa capacidade produtiva e exportadora do país é sustentada por uma estrutura industrial altamente concentrada. A criação, o abate e o processamento de perus no Brasil são liderados predominantemente por dois grandes grupos econômicos: MBRF Global Foods Company (resultado da fusão entre a BRF S.A. e a Marfrig Global Foods), que centraliza suas operações e parque fabril no estado do Paraná, e a JBS S.A., que detém unidades de produção estratégicas situadas em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, com destaque para o complexo fabril de Caxias do Sul.

MEL

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

A apicultura brasileira encerrou os primeiros sete meses de 2026 com indicadores positivos no comércio internacional. De acordo com dados da Agrostat Brasil, o país exportou 22.796 toneladas de mel in natura, gerando uma receita de US\$ 80,780 milhões. O resultado



Boletim Conjuntural Semana 35/2026 – 27 de agosto de 2026

reflete uma leve alta de 1% no volume embarcado e um avanço de 9% no faturamento em comparação ao mesmo período de 2025. O movimento foi impulsionado pela valorização do produto no mercado global, cujo preço médio nacional subiu 7,9%, atingindo US\$ 3,54 por quilo.

No cenário estadual, Santa Catarina assumiu a liderança das exportações nacionais ao movimentar US\$ 26,138 milhões com o envio de 7.337 toneladas - um salto expressivo de 260,5% em receita frente ao ano anterior. Minas Gerais figurou na segunda posição, com US\$ 15,210 milhões (4.204 toneladas), seguido pelo Paraná, que somou US\$ 11,220 milhões (3.184 toneladas). O Piauí e São Paulo completam o topo do ranking, com destaque para os paulistas, que registraram crescimento de 31,5% em faturamento. Outros estados como Ceará, Rio Grande do Sul, Bahia e Maranhão também mantiveram presença constante no fluxo de embarques.

Os Estados Unidos consolidaram-se como o principal destino do mel brasileiro, absorvendo 73,5% do total exportado (16.765 toneladas e US\$ 59,472 milhões).

Embora o acumulado do ano ainda mostre retração nas compras norte-americanas em relação a 2025, os dados de junho e julho apontam uma forte retomada na demanda, impulsionada por avanços regulatórios. Em fevereiro, a Suprema Corte dos EUA derrubou a tarifa de 50% sobre produtos agropecuários brasileiros, reduzindo a alíquota geral para cerca de 10%.

Além disso, o mel orgânico foi mantido na lista de exceções da nova tarifa de 25% anunciada em julho com base na Seção 301. Paralelamente à recuperação nos EUA, o setor avançou na diversificação de mercados para mitigar riscos globais - como as novas restrições sanitárias da União Europeia previstas para setembro.

Países como Alemanha (+229,6% em receita), Canadá (+74,5%) e Portugal (+1.155,5%) registraram aumentos expressivos na compra do mel nacional, enquanto novos parceiros comerciais, a exemplo das Filipinas, Polônia e Áustria, passaram a integrar a lista de destinos do produto brasileiro.